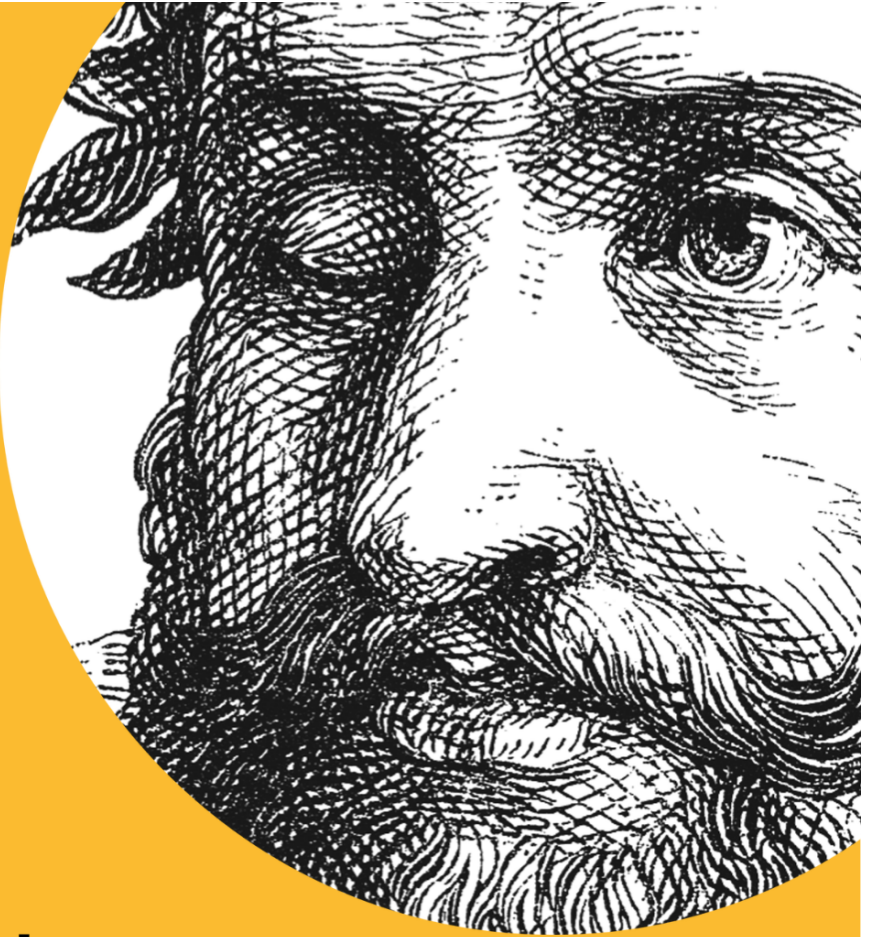


20
26



**IX REUNIÃO
INTERNACIONAL
DE CAMONISTAS**

*O TEMPO DE CAMÕES:
CAMÕES NO NOSSO TEMPO*

LISBOA

2 e 3 de junho

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Biblioteca Nacional de Portugal



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO



Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

U. PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

U LISBOA | UNIVERSIDADE
DE LISBOA

FLUL LETRAS
LISBOA

BNP BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

2026

IX REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

O tempo de Camões: Camões no nosso tempo

Lisboa

2 e 3 de junho de 2026

Faculdade de Letras — Universidade de Lisboa

ORGANIZAÇÃO

Isabel Almeida

SECRETARIADO

Paulo Cracel



Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas



LETRAS
LISBOA



P R O G R A M A

2 de junho Faculdade de Letras da U. Lisboa Sala B112 D (edifício da Biblioteca)	
9h	Receção de participantes
9h30 – 10h	Sessão de Abertura
10h– 12h	10.º Painel — Camões e o cânone literário europeu Moderador: Hélio Alves (FLUL)
	Roger Friedlein (Ruhr-Universität Bochum) Dois lugares para a paixão amorosa: <i>Os Lusíadas</i> e a épica castelhana do Siglo de oro
	Lara Vilà (U. Girona) El espejo camoniano en la obra de Gabriel Lasso de la Vega. <i>Os Lusíadas</i> y el debate finisecular del poema heroico
	Stefano Jossa (U. Palermo) Camões and Italian tradition
	Ilda Mendes dos Santos (Sorbonne Nouvelle) “Bataille rangée” - algumas achegas sobre a presença de Camões em França na época moderna
12h– 12h30	Intervalo para café
12h30 – 13h30	11.º Painel — Camões: escrita privada, figura pública Moderador: José Pedro Serra (FLUL)
	Felipe de Saavedra (U. de Ciência e Tecnologia de Macau) A receção do epistolário de Camões
	José Madeira Uma carta de aviso camoniana?
13h30 – 15h30	Intervalo para almoço
15h30 – 17h	12.º Painel — Camões no Brasil Moderadora: Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura/UERJ)
	Rodrigo Xavier (UFRJ) "Inês de Castro em Camões: a transfiguração imortal que só o Amor concede"
	Sérgio Alcides (UFMG) Camões, a poesia e o público no Brasil imperial
	Alexei Bueno (Academia Brasileira de Letras) Camões no Brasil republicano: muito além da Metrópole

17h – 18h	Intervalo
18h – 19h Sala de conferências da Reitoria da U. Lisboa	RECITAL “ACONTECE CAMÕES” Paulo Filipe Monteiro e Lídia Franco / Academia de Produtores Culturais

P R O G R A M A

3 de junho Biblioteca Nacional de Portugal Sala de conferências	
9h30 – 11h30	13.º Painel — Camões e as artes: memória e projeção Moderador: Joaquim Caetano (Museu Nacional de Arte Antiga)
	Vítor Serrão (FLUL) <i>Ut Pictura Poesis: Camões e a Pintura do seu Tempo</i>
	Raquel Henriques da Silva (U. Nova de Lisboa) Camões e o Jao: imagens de marginalidade na cultura romântica
	Fernando António Baptista Pereira (Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa / CIEBA) A construção da imagem da ' <i>Maravilha fatal da nossa idade</i> ' (Lus. I, 6): contributos de Cristóvão de Morais, de Francisco de Holanda, de Camões e de Jerónimo Corte Real
11h30 – 12h	Intervalo para café
12h – 13h30	14.º Painel — Receção de Camões Moderador: Rita Patrício (FLUL)
	Sara Augusto (City University of Macau) Ecos do Jardim de Camões. A visita de Camões na literatura de Macau em língua portuguesa
	José Carlos Canoa (IPOR – Macau) Representações iconográficas da Gruta de Camões em Macau
	José Ventura (Centro Internacional de Estudos Camonianos) As comemorações camonianas de Oitocentos: o olhar de Camilo Castelo Branco
13h30 – 15h	Intervalo para almoço
15h – 15h30	Conclusões José Augusto Cardoso Bernardes Comissário-geral para as Comemorações do V Centenário do Nascimento de Luís de Camões
15h30 – 17h	Exposição “No rasto de Camões” - visita guiada por Vanda Anastácio (FLUL)
17h – 17h30	Intervalo
17h30 – 18h	Cenas de <i>Enfatriões</i> Companhia Maizum (encenação de Silvina Pereira – FLUL/Centro de Estudos Clássicos)
	Encerramento

RESUMOS & NOTAS BIOGRÁFICAS

10.º Painel — Camões e o cânone literário europeu

Roger Friedlein

Ruhr-Universität Bochum

Dois lugares para a paixão amorosa: *Os Lusíadas* e a épica castelhana do Siglo de oro

O amor como paixão ocupa uma posição limitada, mas altamente proeminente na recepção d'Os *Lusíadas*, uma vez que determina os dois episódios mais conhecidos do poema na figura do apaixonado Adamastor e no amor apaixonado de Lionardo pela ninfa Efire. Em particular, é sabido que o episódio da Ilha dos amores atribui ao amor sensual uma posição positivamente valorizada numa construção epistemológica mais abrangente de cariz platónico. Por outro lado, quase ao mesmo tempo, a tradição épica castelhana do Renascimento estabelece um modelo distinto em *La Araucana*, de Alonso de Ercilla y Zúñiga, onde o amor é programaticamente banido do poema e o eu do poeta épico luta contra a tentação constante de o integrar na sua narrativa. Em resposta a essa exclusão, os poemas épicos castelhanos que se seguiram a *La Araucana* apresentam contrapropostas, nas quais episódios de amor apaixonado encontram um lugar regular e recebem uma configuração recorrente: enquanto em Camões tais episódios se inserem num contexto mitológico, a tradição subsequente tende a situá-los no campo dos adversários épicos, sejam eles os araucanos no Chile, os guanches nas Ilhas Canárias, os turcos no Mediterrâneo ou os muçulmanos nas Índias Orientais. Também a épica portuguesa sobre a Ásia, para além de Camões, inscreve-se nesta tradição.

NOTA BIOGRÁFICA

Roger Friedlein cursou estudos de Filologia Românica e Árabe em Frankfurt, Barcelona e Berlim. Doutorou-se em 2001 com uma tese medievalista sobre o diálogo como género literário em Raimundo Lúlio, na Freie Universität Berlin (trad. catalã *El diàleg literari en Ramon Llull*, Barcelona 2012). Tese de habilitação sobre a encenação de poesia e saber na poesia épica do Renascimento, com capítulos sobre *Os Lusíadas* e *Naufregio de Sepúlveda*, além de textos espanhóis e franceses (*Kosmovisionen. Inszenierungen von Wissen und Dichtung im Epos der Renaissance in Frankreich, Portugal und Spanien*, Stuttgart 2014). Desde 2009 é professor titular de Literatura e Estudos Culturais Iberorromânicos na Ruhr-Universität de Bochum (Alemanha). Entre os seus interesses de pesquisa está a poesia épica tanto do Renascimento como do século XIX, na Península ibérica e na América latina. Últimas publicações nesse contexto: R. Friedlein, R. Zilberman, M. Machado Nunes (orgs.): *Epic poetry in Brazil. Literary Innovation and Debate in the 19th Century* (São Leopoldo: oikos 2023), id.: *Épica e modernidade. Espaços, limites e transgressões de um género clássico em renovação (séculos XVIII e XIX)* (Rio de Janeiro: makunaima 2022), "Spiritistic Mythology and Conviviality in Brazilian Epic Poetry: *Goyania* (1896) by Manuel de Lopes Carvalho Ramos", *Mecila Working Paper Series* 93 (São Paulo: Mecila 2025), e "Erbarmen und Mitleid im Epos der iberischen Expansion: *Os Lusíadas* und Jerónimo Corte-Reals *Naufregio de Sepúlveda* (1592)", em: *Einsatz der Affekte*, orgs. D. Brunke e H. Schlieper (Paderborn: Brill / Fink 2024), 137-155.

Lara Vilà

Universidad de Girona

El espejo camoniano en la obra de Gabriel Lasso de la Vega. *Os Lusíadas* y el debate finisecular del poema heroico

La anexión de Portugal en 1580 y la consiguiente unión de las coronas bajo Felipe II propiciaron un escenario de intensa circulación cultural en el que la figura de Camões desempeñó un papel ideológico y estético fundamental. La publicación casi simultánea de las traducciones de Benito Caldera y Gómez de Tapia no respondió únicamente a un interés editorial, sino a un programa consciente de asimilación del prestigio de *Os Lusíadas* en el sistema literario castellano. Este “momento camoniano” coincide con un periodo de crisis y replanteamiento genérico que actuó como vector de renovación en el debate finisecular sobre el poema heroico, especialmente activo en determinados círculos cortesanos y humanistas. Enmarcada en la llamada “edad de la crítica” (F. Rico), esta recepción ofreció a los poetas españoles un modelo de modernidad clasicista capaz de cuestionar el agotado molde de la épica histórica y de activar a Camões como catalizador para la transformación del género en un instrumento de alta cultura cortesana y ambición artística. La ponencia analiza cómo este contexto político y editorial marcó la producción épica de Gabriel Lasso de la Vega durante las décadas de 1580 y 1590, para mostrar que *Os Lusíadas* le permitió ensayar, en diálogo con los replanteamientos contemporáneos del género, una épica de mayor densidad poética y autonomía artística.

NOTA BIOGRÁFICA

Lara Vilà es doctora en Filología Hispánica y Licenciada en Teoría de la Literatura y Literatura comparada. Desde 2011, es Profesora de Literatura española en la Universitat de Girona, centro en el desarrolló su labor como Investigadora Ramón y Cajal entre 2006 y 2011. Sus líneas principales de investigación son el estudio de la poética y la literatura de la primera edad moderna en el ámbito hispánico y, más concretamente, de la poesía épica del Quinientos. El grueso de sus publicaciones versa sobre la lectura de la poesía épica, la representación del poder en la literatura y la idea de la guerra en las fuentes quinientistas. En los últimos años aborda el estudio de las guerras de religión, con especial atención a la Guerra de Esmalcalda, el estudio de la influencia de Tasso en España y la problemática finisecular del poema heroico. Como miembro del grupo de investigación Pronapoli, ha prestado asimismo atención a la poesía de Garcilaso de la Vega, rastreando la presencia de Ariosto en sus églogas. Ha publicado diversos trabajos sobre la representación literaria de la guerra entre la Monarquía Hispánica y el imperio otomano, centrados en hitos bélicos como la defensa de Malta y la batalla de Lepanto, el conflicto entre España y Francia y la construcción literaria e iconográfica de la dinastía habsbúrgica. Los resultados de estas investigaciones han sido publicados en revistas como el *Boletín de la Real Academia Española*, *Bulletin Hispanique*, *Calíope*, *Criticón*, *Iberorromania* o *Studia Aurea*, y en prestigiosas editoriales como Brepols, Castalia, Gredos, John Benjamins, Routledge o Tamesis Books.

Stefano Jossa

Università di Palermo

Camões and Italian tradition

This paper explores how Luís de Camões has received and appropriated Italian tradition, examining the cultural and ideological motivations that shaped the process. By relating Camões with the four crowns of Italian poetry (Dante, Petrarca, Ariosto and Tasso), the presentation will investigate how national identity, colonial legacy, and poetic form contribute to the construction of literary memory. The aim is to reassess Camões' relevance in a transnational context and to reflect on the dynamics of canon formation.

NOTA BIOGRÁFICA

Stefano Jossa is Professor of Italian Literature at the University of Palermo (Italy) and Honorary Visiting Fellow at Royal Holloway University of London (UK). He was awarded the De Sanctis Chair at the Polytechnic of Zurich (Switzerland) in 2017 and was Fulbright Distinguished Chair at Northwestern University in 2024. He holds Visiting Professorships at the University of Roma Tre (Italy) in 2016 and the University of Parma (Italy) in 2017. His academic expertise spans from the Italian Renaissance, with major contributions on Ludovico Ariosto's masterpiece the *Orlando Furioso*, to the Italian national identity as expressed through literature, including the *Oxford Handbook of Italian Literature* (OUP, 2026) and the books *Un Paese senza Eroi* (Laterza) and *La più bella del mondo: Perché amare la lingua italiana* (Einaudi).

Ilda Mendes dos Santos

Sorbonne Nouvelle

"Bataille rangée" - algumas achegas sobre a presença de Camões em França na época moderna

A França foi palco de debates críticos, edições, traduções, ensaios, inspirações e obras de ficção em torno da vida e obra do poeta Luís de Camões. A trajetória de Camões na França, e mais especificamente a sua presença na literatura e em outras produções artísticas, apresenta facetas mutáveis, marcadas simultaneamente por gestos de admiração e de controvérsia. A existência de uma tradução francesa de *Os Lusíadas* no final do século XVI e/ou início do século XVII permanece um mistério. Bem antes das traduções do século XVIII e das análises frutíferas promovidas por Voltaire, vestígios da leitura de *Os Lusíadas* podem ser encontrados nos debates franceses, particularmente naquele proposto por M. de Caillères em 1688, *Histoire poétique de la guerre nouvelle déclarée entre les Anciens et les Modernes*. Camões orgulhoso e só desafia Homero, e é por ele derrotado. Esta ficção paródica, ilustrada por uma utopia cartográfica encenando uma biblioteca global e bélica de Letras, destaca as circulações descentralizadas das histórias literárias, o papel político das Letras, o poder de reinterpretação e reapropriação de uma obra.

NOTA BIOGRÁFICA

Ilda Mendes dos Santos é *maître de conférences* na Universidade Sorbonne Nouvelle. Trabalha com as viagens, os círculos letrados internacionalizados, os factos literários e os factos de traduções, as bibliotecas-obras de letrados reconhecidos ou desconhecidos (mundos lusófonos em diálogo com os mundos românicos-francófonos) na época moderna, com uma extensão de olhar até aos gestos bibliófilos da literatura no século XIX e primeiro quartel do século XX. Com vários colegas de Portugal, Brasil e Estados Unidos, trabalha desde 2016 sobre o conceito e problemática de *Repúblicas de Letras?*

11.º Painel — Camões: escrita privada, figura pública

Felipe de Saavedra

*U. de Ciência e Tecnologia de Macau***A recepção do epistolário de Camões**

As cartas de Camões ainda não foram estudadas como um *corpus* organizado, composto por poesia, prosa e *prosimetron*. Existem cartas rimadas dirigidas a amigos e protetores, recomendações, pedidos, galanteios a damas, e composições sodalícias mais extensas, marcadas por interesses partilhados entre destinador e destinatário.

As cartas em prosa, preservadas em manuscritos com ou sem atribuição, demonstram elevada qualidade literária. Camões aplica a temas coloquiais o seu domínio da retórica clássica, referências bíblicas, paremiologia e saber popular, o *Romancero* espanhol, além de comprovar afinidades com o teatro de Gil Vicente e *La Celestina* de Rojas, evidenciando uma cultura comum ibérica. No plano pessoal, a correspondência expõe um Camões emocionalmente instável, alternando jocosidade com desencanto, ou ironia e sarcasmo com humildade e deferência. As cartas funcionam como um confessionário em papel, refletindo por vezes a visão fatalista da vida que se encontra na lírica, e uma forte religiosidade por parte de um poeta em tensão com o século.

A interpretação desses textos é complexa, pois eram dirigidos a destinatários específicos e utilizavam códigos privados. Como documentos linguísticos registam socioletos, e para a história social documentam os costumes e as tensões da Lisboa do século XVI, incluindo redes de prostituição e de corrupção, e de clientelismo de jovens nobres com os seus patronos.

Mais ou menos indecorosas, as missivas revelam um autor mordaz e complexo, que aborda temas como a amizade, a delinquência, ou a masculinidade. Constituem um louvor à amizade viril, e sabe-se que foram as redes de amigos que preservaram os poemas de Camões e os valorizaram após a morte dele. Inevitavelmente, as cartas mais lascivas incomodaram algum camonismo de retaguarda, que as procurou ignorar ou mesmo impugnar. Mas autores como Afonso Lopes Vieira e Aquilino Ribeiro reavaliaram o carácter de Camões sem fugir às suspeitas de devassidão e de desvios de personalidade, numa polémica que fez época. Esta comunicação versa sobre esse momento específico da recepção do epistolário de Camões, durante a década de 1940.

NOTA BIOGRÁFICA

Felipe de Saavedra é o coordenador-geral da Rede Camões na Ásia & África desde 2021, e o editor responsável da *Revista de Estudos Camonianos*, fundada em 2025. Dirigiu o Centro de Estudos Asiáticos em Lisboa, entre 1997 e 2000, tendo desde então desenvolvido a sua atividade no âmbito dos Estudos Literários e dos Estudos Imperiais. A sua investigação incide predominantemente sobre a camonologia, a história do Império Português na Ásia, a epistolografia, a escrita autobiográfica e a poesia clássica, sustentando-se em metodologias de matriz filológica, na crítica textual e na história cultural, adotando uma perspetiva interdisciplinar orientada para a análise das inter-relações entre história, biografia e literatura.

A sua produção no domínio da camonologia caracteriza-se por uma abordagem hermenêutica, incidindo particularmente sobre a reconstrução biográfica de Camões em *A Poesia e os Astros em Camões* (2025), sobre a fixação, interpretação e problematização do *corpus* epistolar no *Epistolário Magno de Luís de Camões* (2022), e sobre a reavaliação da lírica odística camoniana, em *Aquileida: A Trilogia de Aquiles e mais onze odes de Luís de Camões* (2024) e em *La oda “Fora conveniente” de Luís de Camões* (2025). No âmbito da poesia sacra, *Um vilancete recém-divulgado de Luís de Camões* (2025) contribuiu para o alargamento e recontextualização do *corpus* camoniano com a valorização da lírica devocional.

Entre 2022 e 2026, organizou diversos congressos na Ásia, em África e na Europa, com resultados publicados *on line*. Lecionou Literatura, Língua e Cultura Portuguesas em Portugal, Indonésia, Brasil e Nova Zelândia, e atualmente em Macau. Os seus livros e artigos foram publicados em Macau, Portugal, Espanha, França, Grécia, Chéquia, Itália, Reino Unido, Roménia, Países Baixos, Brasil, Indonésia e Singapura.

José M. Madeira

Uma carta de aviso camoniana?

Em artigo da revista *Colóquio/Letras* 216 (maio/agosto de 2024, pp. 113-114) identificava-se a carta de aviso a D. Sebastião transmitida por Miguel Leitão de Andrada e António Lourenço Caminha, com o poema heróico de Camões a D. Sebastião a que se referem Severim de Faria e Manuel de Faria e Sousa.

Trata-se agora de equacionar e discutir de forma mais aprofundada a sua autoria a partir de um estudo lexical, estilístico, temático e ideológico do manuscrito de *Los Cantos de la Batalla Ausonia* da Hispanic Society of America e dos poemas de Pedro da Costa Perestrelo incluídos nas *Obras Inéditas dos Nossos Insignes Poetas* (1791), do texto da carta e da obra épica e lírica de Camões.

NOTA BIOGRÁFICA

José M. Madeira (Freixo de Espada à Cinta, 1954). Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1978). Professor do Ensino Secundário (1976-2013). Investigador independente, autor de *Camões contra a Expansão e o Império – Os Lusíadas como Antiepopéia* (Fenda, 2000), “Camões e a História da Província de Santa Cruz” (*Fenda Almanaque Topográfico* 3, 2000, pp. 11-13), “Camões, D. Sebastião e Alcácer-Quibir” (*Colóquio/Letras* N.º 216, 2024, pp. 107-117), “Quem é o Adamastor?” (*Nova Águia*, N.º 74, 2024, pp. 42-45)

12.º Painel — Camões no Brasil

Rodrigo Xavier

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Inês de Castro em Camões: “a transfiguração imortal que só o Amor concede”

Jorge de Sena dedicou a maior parte do seu *Estudos de História e de Cultura* à presença de Inês de Castro na história da cultura e da literatura portuguesas. Essa presença se constituiu inseparável do tema do amor. Além de apresentar, exaustiva e detalhadamente, várias representações de Inês na literatura ao longo dos séculos, Jorge de Sena concebe o amor como afeto indelével que atravessa a personagem entre história e mito, e que encontrará n’*Os Lusíadas* uma versão decisiva para a sua eternização.

NOTA BIOGRÁFICA

Rodrigo Xavier é Professor Associado do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ e membro docente do POSLIT-UnB (Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília). Doutor em Letras e Mestre em História Social da Cultura pela PUC-Rio. Realizou estágios pós-doutorais na Universidade de Chicago (*Fulbright Visiting Scholar*) e na Universidad de Los Andes (CNPq-PDE). É pesquisador na Fundação Biblioteca Nacional e no Real Gabinete Português de Leitura, onde realiza investigação junto a acervos documentais. Dedicar-se especialmente ao trabalho com arquivos, e ao estudo das relações entre a literatura e a intelectualidade. Tem contribuído na edição de materiais de espólios literários. É organizador de *Nelson Rodrigues: Literatura, Política e Sociedade*; Autor de: *Eça de Queirós Intelectual*; *Fernando Pessoa: poemas mais publicados em vida*; *A presença de Fernando Pessoa no Brasil*.

Sérgio Alcides

Universidade Federal de Minas Gerais

Camões, a poesia e o público no Brasil imperial

A celebridade de Camões no Brasil imperial chegou a um ápice nas comemorações do tricentenário de sua morte, no Rio de Janeiro, em 1880. A homenagem, que foi uma iniciativa do Gabinete Português de Leitura e contou com o apoio pessoal do imperador, D. Pedro II, extrapolou de muito a mera oficialidade. Trata-se de um momento decisivo da formação do espaço público na Corte imperial, com vasta repercussão nas páginas da imprensa e ampla participação popular, em diversos teatros e nas ruas da capital, por vários dias seguidos. A data coincidiu com a radicalização do movimento abolicionista e a criação da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, liderada pelo então deputado Joaquim Nabuco – justamente o orador do evento principal do tricentenário. Poucos anos depois, em 1888, os mesmos teatros e avenidas que se encheram de gente para lembrar Camões foram tomados pelos festejos populares pela decretação do fim do trabalho escravo no país. A coincidência entre a homenagem literária e a campanha política evidenciou um modo brasileiro de se

apropriar do vate português que se recusou a cantar, como lembrou Nabuco, quem “não acha que é justo e bom respeito / que se pague o suor da servil gente” (*Lus.* VII, 86).

NOTA BIOGRÁFICA

Sérgio Alcides é professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Autor de *Estes penhascos. Cláudio Manuel da Costa e a paisagem das Minas* (São Paulo: Hucitec, 2003), entre outros livros. Foi *fellow* do Bellagio Center, da Fundação Rockefeller, e do MacMillan Center, da Universidade Yale. Atualmente, dedica-se a estudos sobre a poesia brasileira do século XX, com ênfase em autores como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Emílio Moura, Manuel Bandeira e Ribeiro Couto.

Alexei Bueno

Academia Brasileira de Letras

Camões no Brasil republicano: muito além da Metrópole

Encerrando o tríptico sobre “Camões no Brasil”, a respeito da sua presença e influxo na literatura brasileira, a comunicação tratará das similitudes e diferenças da recepção de Camões no Brasil nos séculos XX e XXI — mas tendo início com o advento da queda da Monarquia, uma dinastia portuguesa, em 1889, e consequente proclamação da República — com a dos séculos anteriores. Tais ecos camonianos se manifestam sob dois aspectos, o de culto ao poeta e o da influência estética mais ou menos direta, que se regista desde o primeiro século da colonização e persevera até hoje.

A análise de tal presença incontornável — vale a pena ressaltar — ficará nos limites do erudito, já que o nome de Camões, em versão puramente lendária, conserva um velho e vasto espaço no imaginário e na literatura popular brasileira, ao lado de um único outro poeta de língua portuguesa, Bocage. Passando à margem de certa lusofobia surgida com o movimento republicano, em suas fileiras mais jacobinas, e que persistiu até pelo menos a década de 1920, o inabalável prestígio de Camões pode ser exaustivamente detectado na literatura brasileira dos últimos 130 anos, a começar por nomes com menor evidência até figuras de primeira ordem no cânone nacional, como Olavo Bilac, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Murilo Mendes ou Carlos Drummond de Andrade, aqui lembrados, um tanto aleatoriamente, entre um sem-número de outros.

NOTA BIOGRÁFICA

Alexei Bueno (n. Rio de Janeiro, 26-IV-1963). Poeta, ensaísta, crítico, tradutor e editor carioca. Publicou vinte e três livros de poemas, além de numerosos títulos sobre arte, arquitetura, cinema e história, com edições no Brasil e no exterior. Recebeu prêmios como o Jabuti, duas vezes, Associação Paulista de Críticos de Arte, Fernando Pessoa, Academia Brasileira de Letras, Biblioteca Nacional, duas vezes, Candango de Literatura, entre outros. Editou numerosos clássicos portugueses, do século XVI ao XX, como a primeira edição brasileira da *História trágico-marítima*, Camões, Vieira, Bocage, Pessanha, Pessoa, Sá-Carneiro, Almada Negreiros, etc., ou a *Antologia da poesia portuguesa contemporânea, um panorama*, com Alberto da Costa e Silva, em 1999. É autor de uma edição largamente comentada de *Os Lusíadas* (1993, 2018), de uma edição dos *Sonetos* de Camões, e, em 2024, dos livros *Camões, em nós, por nós* e *Camões, além do concerto*. Foi, de 1999 a 2002, diretor do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro. Colabora em diversos órgãos de imprensa no Brasil e no Exterior, é membro do PEN Clube do Brasil e foi, de 1999 a 2002, Diretor do

INEPAC, Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, e membro do Conselho Estadual de Tombamento.

13.º Painel — Camões e as artes: memória e projecção

Vítor Serrão

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ut Pictura Poesis: Camões e a Pintura do seu Tempo

Em Camões, a obra poética, o pensamento filosófico e a dimensão metafísica cruzam-se com os círculos mais evoluídos do Maneirismo europeu num tempo de *aggiornamentos* que só por equívoco tem sido visto como de decadência. A projecção internacional do autor de *Os Lusíadas* impõe, como disse Jorge de Sena, o reconhecimento dos seus *altos cumes*. É preciso *ver tudo em conjunto* no que ao poeta diz respeito: a sua relação com as outras artes, da iluminura áulica à pintura (sacra e profana), à paragona e à alegoria, à *ekphrasis*, ao teatro e à música. Urge reconstituir na sombra da censura tridentina o sopro de liberdade criadora que, apesar de tudo, resistia e fazia valer a sua originalidade.

O conhecimento que temos sobre a nossa cultura quinhentista deixa perceber o contexto que leva o poeta à universal glorificação. Camões relacionou-se com Fernão Gomes (1548-1612), «*pintor de bravo talento*» e autor do seu único retrato *de visu*, com o poeta, iluminador e pintor Jerónimo Corte-Real (c. 1525-1588), os gravadores Jerónimo de Mafra e Jerónimo Luís, os calígrafos Giraldo Fernandes de Prado (c. 1530-1592) e Manuel Barata (c. 1549-1590), e o tratadista das artes Francisco de Holanda (1517-1585), «*verdadeiro cavaleiro e defensor da alta Princesa Pintura*». Conviveu com o debate sobre a natureza das artes, a platónica *ideia* criadora e a reclamada consciência liberalizante dos artistas.

A sua poesia está cheia de referenciais pictóricos. Mostra que o vate se movia em círculos onde se discutia a visão do *Templo da Pintura* como *Domus Sapientiae* (Templo de Salomão Celeste) e as bases estéticas de adesão ao Maneirismo internacional. *Grazia, virtù, liberalità*, são conceitos expressos na sua obra e que caracterizam a forte *picturalidade* da sua poesia. As conexões com a pintura coeva, à luz da estética maneirista, expressam-se nos seus cânones de rebeldia e liberdade, partilhados no círculo de poetas italianizados com quem de certeza conviveu (António Ferreira, Diogo Bernardes, Pero de Andrade Caminha, D. Manuel de Portugal e o Corte-Real).

Atesta-se ainda a presença do vate em duas *cortes na aldeia* do termo de Santarém com ligações à pintura: Vaqueiros, comenda de D. Gastão e D. Gonçalo Coutinho, e Vale de Figueira, onde D. Manuel de Portugal dinamizou uma tertúlia de *literati* (a sua personagem *Amôncio*, ligada à saga do profeta Jonas, é um anagrama do autor de *Os Lusíadas*).

NOTA BIOGRÁFICA

Vítor Serrão nasceu em Toulouse, França (28-XII-1952). Professor catedrático emérito da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, investigador do centro ARTIS-IHA-FLUL, é autor de vasta bibliografia sobre arte portuguesa e sobre Teoria da Arte, de que se destacam *O Maneirismo e o Estatuto Social dos Pintores Portugueses* (1983), *Josefa de Óbidos e o tempo barroco* (1991), *A Pintura Maneirista em Portugal. Arte no Tempo de Camões* (1995), *A Cripto-História de Arte. Análise de Obras de Arte Inexistentes* (2001), *O Renascimento e o Maneirismo* (2002), *O Barroco* (2003), *A Trans-Memória das Imagens. Estudos iconológicos de pintura portuguesa* (2005), *O Fresco Maneirista do*

Paço de Vila Viçosa, Parnaso dos Duques de Bragança (2008), *Arte, Religião e Imagens em Évora no Tempo do Arcebispo D. Teotónio de Bragança* (2015) e *Camões: Altos Cumes, Scabelicastro e Correlatos* (2024, com Mário Rui Silvestre) e *Manda-me Amor Camões e outros afins* (Cosmos, 2026). É membro efectivo das Academias de História, das Ciências e de Belas Artes.

Fernando António Baptista Pereira

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa/CIEBA

A construção da imagem da 'Maravilha fatal da nossa idade' (Lus. I, 6): contributos de Cristóvão de Morais, de Francisco de Holanda, de Camões e de Jerónimo Corte Real

A década de 1570 assiste a um crescendo de incitações, feitas por importantes figuras da cena intelectual e artística portuguesa, à ação militar de D. Sebastião em Marrocos, indo ao encontro de um desiderato confessado pelo próprio rei. Durante muitas décadas, a historiografia insistiu que se tratava de um projeto pessoal do próprio monarca, apoiado pelos seus cortesãos e clérigos próximos. Com efeito, o rei foi retratado por Cristóvão de Morais, logo em 1571, numa obra que julgamos ser o Retrato que se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga, realizado para ser enviado ao Papa, conforme se diz em duas cartas da Rainha D. Catarina enviadas ao seu embaixador em Roma. Nesse retrato, o rei é apresentado envergando uma rica armadura, como *Miles Christianus*, e acompanhado por um galgo, numa referência à *Divina Comédia* de Dante, ao encarnar uma figura de regenerador da Cristandade. Logo após, as formulações literárias sucedem-se, de Camões e Francisco de Holanda a Jerónimo Corte Real, todos incitando o rei a passar a Marrocos com um exército para tomar o Reino de Fez.

Ainda antes de Camões, em 1572, saudar o monarca nestes termos: *Vós, ó novo temor da Maura lança, / Maravilha fatal da nossa idade, / Dada ao mundo por Deus, que todo o mande, / Pera do mundo a Deus dar parte grande*, o iluminador, pintor e tratadista de arte Francisco de Holanda (ca. 1517-1584), no seu último Tratado, *De Quanto Serve a Ciência do Desenho na República Cristã, assim na Paz como na Guerra*, inserido no códice da Biblioteca da Ajuda dedicado ao Rei e intitulado *Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa*, incita claramente D. Sebastião a passar a África: *Sirva-se finalmente do desenho em se determinar (com o divino favor e auxilio sem o qual nenhuma obra pode ser perfeita) em passar a Africa e tomar Fez como os Mouros temem e o forte nome de Sebastião promete...* O texto é acompanhado por dois desenhos de Holanda, um com a armada que transporta o exército, alinhada em forma de cruz entre o Algarve e a costa marroquina, e o outro a figurar o próprio exército em forma de um gigantesco guerreiro já nos campos de Marrocos.

O poeta e pintor Jerónimo Corte Real (1525/27-1588), que viria a desenhar as empresas da Jornada de África de 1578, publicou em 1574 e 1578 as suas obras de clara temática militar, a primeira, de que existe anterior versão manuscrita e iluminada pelo próprio autor, intitulada *Sucesso de Diu*, exaltando os feitos relativamente recentes do Segundo Cerco de Diu (1546), em que as forças portuguesas se cobriram de glória ao derrotarem o exército mogol e os seus aliados turcos, e a outra, com o título de *Austríada*, em castelhano, exaltando a vitória de D. João de Áustria na recentíssima Batalha de Lepanto (1571) como guerra preventiva, exatamente o tipo de ação militar que o Rei imaginava realizar em Marrocos.

Os resultados de tanta insistência e empenhamento não podiam ter sido mais desastrosos, o que levará Jerónimo Corte Real a escrever um derradeiro poema, *La Lastimosa Pérdida*, que responsabiliza a *hybris* de D. Sebastião e de algum modo o seu aziago «destino», pelo desfecho muito desfavorável dos acontecimentos. Encontramos no já referido tratado *Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa* uma proposta de Francisco de Holanda que tem passado despercebida: uma capela expiatória do «Desacato» que manchara o dia do casamento dos pais de D. Sebastião, para a qual apresenta nada menos do que quatro desenhos, o que nos ajudará a perceber esse destino aziago do rei a que Corte Real se refere.

É toda esta conjuntura mental e intelectual que rodeou a construção do imaginário *da Maravilha fatal da nossa idade* quer vamos procurar elucidar na nossa comunicação.

NOTA BIOGRÁFICA

Fernando António Baptista Pereira (n. Lisboa, 6/7/1953) é licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pós-graduado em Museologia pelo IPPC, e Doutorado e Agregado em Ciências da Arte e do Património pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Ensinou na Universidade de Lisboa de 1979 a 2023. Professor Catedrático Jubilado do Departamento de Ciências da Arte e do Património da Faculdade de Belas-Artes. Autor de vasta bibliografia sobre a História da Arte e da Cultura Portuguesas e sobre coleções de Museus. Concebeu e programou vários museus e Exposições Nacionais e Internacionais em Portugal, Espanha, França e Brasil, citando-se, como exemplos mais recentes, a primeira Exposição do Museu Hermitage em Portugal [“Arte e Cultura do Império Russo”, 2007], o Museu do Oriente, em Lisboa [2008], a Exposição “As Ilhas do Ouro Branco” no MNAA, em Lisboa [2017-2018], a Casa da Cidadania Salgueiro Maia, em Castelo de Vide [2021], o Museu Ibérico de Arqueologia e Arte, em Abrantes [2021], a Exposição “Comptoirs du Monde” no Château d’Angers, em França [2022], a Exposição “Moita Macedo Poeta Pintor”, na Reitoria da Universidade de Lisboa [2023], o Museu de Arte e do Coleccionismo de Cantanhede [2024] e o Museu de Setúbal / Convento de Jesus [2024].

Raquel Henriques da Silva

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U. Nova de Lisboa

Camões e o Jao: imagens de marginalidade na cultura romântica

Na pintura e gravura europeias do século XIX, a representação de Camões surge frequentemente associada ao seu "escravo" Jao que o acompanhou e amparou nos últimos anos de vida, marcados, segundo a mesma representação romântica, pela miséria e abandono. Na minha comunicação, analisarei algumas das imagens mais icónicas de Jao através das quais se afirma, com interessantes traços de originalidade, o *Orientalismo*, na sua feição oitocentista.

NOTA BIOGRÁFICA

Professora Catedrática Jubilada do Departamento de História da Arte da NOVA FCSH. Desenvolve investigação nas áreas da História de Lisboa (Urbanismo e Arquitectura), Estudos de Museus e Património, História da Arte Portuguesa, séculos XIX-XXI. Foi Directora do Museu Nacional de Arte Contemporânea/Museu do Chiado, do Instituto Português de Museus e do Instituto de História da Arte. Coordenou dois projectos de investigação financiados pela FCT e coordena diversos projectos com financiamento total ou parcialmente externo, nomeadamente com a Câmara Municipal de Lisboa, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação Millennium BCP. Orientou igualmente projectos de Doutoramento apoiados por bolsas da FCT. Tem comissariado diversas exposições no domínio da arte portuguesa dos séculos XIX e XX, em articulação com os seus grupos de investigação no IHA e com o DHA da NOVA FCSH, e com diversos museus portugueses.

14.º Painel — Receção de Camões

Sara Augusto

City University of Macau

É Luís de Camões, que o mundo espanta: celebração na Literatura de Macau em Língua Portuguesa

A presença de Camões em Macau no século XVI, embora envolta em incertezas, tem suscitado debates persistentes, consolidando-se como uma tradição de natureza quase mítica. Espaços que foram privados, como a Gruta de Camões, transformaram-se em lugares literários e em destinos de peregrinação simbólica. Foi o poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett, que fixou a imagem do poeta na gruta e o seu ato de lamento do exílio e da solidão. Essa representação alimentou uma produção poética subsequente que retomou as mesmas coordenadas temáticas, sobretudo ao longo do século XIX, mas também no século XX. A peregrinação à gruta originou, com frequência, poemas que celebram o poeta, a sua obra e a língua portuguesa, estabelecendo relações significativas entre a imagem literária e as representações pictóricas produzidas ao longo do tempo.

Na literatura de Macau em língua portuguesa, criada por autores residentes no território ou que nele viveram temporariamente, a figura tutelar de Camões revela-se incontornável. Essa presença manifesta-se em múltiplas formas intertextuais, ora explícitas, ora subtis, por confluência temática, por citação ou por cruzamentos textuais disseminados nos poemas.

Este estudo, no contexto das comemorações, propõe-se analisar a trajetória dessa celebração poética, identificando os textos e autores que se constituem como marcos, quer pela continuidade, quer pela inovação, desta homenagem, demonstrando como Camões permanece, cinco séculos depois, um símbolo de excelência poética e de virtuosismo da língua portuguesa.

NOTA BIOGRÁFICA

Sara Augusto é Professora Auxiliar na Universidade Cidade de Macau. Foi professora no IPOR, professora associada na Universidade Politécnica de Macau (2016-2022), investigadora e professora auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2009-2014) e professora auxiliar na Universidade Católica Portuguesa (1991-2009). Licenciada em Humanidades (1991), fez mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa (1995) e doutoramento em Literatura Portuguesa (2005). Desenvolveu um Projeto de Post-PHD financiado pela FCT (2007-2009, Universidade de Coimbra e Universidade de Roma, Literatura de Viagens na época barroca). É ainda investigadora no Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra.

No âmbito da sua formação e investigação (Literaturas de Expressão Portuguesa, Literatura Portuguesa, Ensino de Literatura em PLE, Literatura de Macau em Língua Portuguesa, Literatura e Fotografia, Literatura de Viagens, Ensino de Língua Portuguesa em PLE), apresentou trabalhos, publicou em revistas indexadas, publicou e colaborou em livros, em Portugal e no estrangeiro. O seu mais recente livro intitula-se *O vasto império do coração. A visita de Camões na literatura de Macau em língua portuguesa. Antologia e estudo* (Macau: Instituto Português do Oriente, 2025; ISBN 978-99981-37-07-3).

José Carlos Canoa

IPOR - Macau

Representações iconográficas da Gruta de Camões em Macau

No triénio 2024-2026 celebrou-se em Portugal e globalmente o V Centenário do Nascimento de Luís de Camões. O poeta revelou-se um extraordinário símbolo cultural, aberto a constantes reinterpretações em ambientes plurais. Também a receção artística o tem recontextualizado, reinventado de modo inovador, e por vezes mesmo, provocatório.

Esta comunicação, ilustrada por uma apresentação PowerPoint, convida a ver/conhecer e a refletir sobre o conjunto, o mais representativo possível, de artistas plásticos que dialogaram com o legado camoniano, e com a chamada "Gruta de Camões" em Macau.

De que modo este santuário do Poeta, ao qual se faz uma romaria no dia 10 de junho de cada ano, enriquecida por muitas atividades festivas, continua a interpelar e a estimular os artistas contemporâneos? Que conexões criativas se estabelecem entre estes leitores singulares e "*a fama e a beleza do sítio onde está situada a Gruta de Camões*", nas palavras de Luís Gonzaga Gomes (1907-1976), um dos mais proeminentes historiadores locais? Com o artigo de Gonzaga Gomes intitulado "Representação iconográfica da Gruta de Camões em Macau", e publicado em 1972 no número especial da revista *Garcia de Orta*, procedeu-se a um balanço do que era conhecido à época.

Nesta comunicação, procuraremos dar continuidade a esse estudo, revisitando um *corpus* conhecido de gravuras, completando-lhe a informação, atualizando a qualidade da reprodução das imagens e, por outro lado, revelando agora o que de mais interessante se fez nos últimos 54 anos na receção iconográfica do Poeta em Macau.

Um universo de linguagens diversificadas e surpreendentes, que permite um olhar prismático sobre o maior escritor da língua portuguesa. O fascínio camoniano permanece em Macau.

NOTA BIOGRÁFICA

José Carlos Canoa é docente de Português Língua Estrangeira (PLE), com foco nos Estudos Camonianos. A sua trajetória profissional está marcada pelo ensino da língua e da cultura portuguesas em diversos contextos geográficos: Portugal, Namíbia, Sérvia e integra atualmente o corpo docente do IPOR, em Macau. É licenciado em Estudos Portugueses pela U. NOVA, pós-graduado no Ramo de Formação Educacional na mesma universidade, e está a concluir o seu doutoramento com uma tese dedicada a Manuel de Faria e Sousa enquanto comentador da obra de Camões.

É membro do IELT da U. NOVA, e da RcnA&A, em Macau. As suas contribuições recentes para a investigação incluem: "O livro perdido de Camões na ficção contemporânea" (2025), "Luís Gonzaga Gomes, o camonista de Macau" (2024); "As grandes coleções camonianas" (2022). É o editor de "[Enciclopédia Camões](https://www.encyclopediacamoes.pt/)" (anterior "Luís de Camões – Diretório de Camonística") [<https://www.encyclopediacamoes.pt/>], cuja Agenda se tornou referência essencial para o que tem acontecido durante a efeméride dos 500 anos do nascimento do Poeta. Mais informações podem ser encontradas através do seu perfil público (<https://www.macau.com.pt/quem-somos>; <https://ielt.fcsh.unl.pt/team/jose-carlos-canoa/>; <https://www.cinciavita.pt/AE1D-7737-7006>; <https://orcid.org/0000-0001-6091-1293>).

José Manuel Ventura

Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos

As comemorações camonianas de Oitocentos: o olhar de Camilo Castelo Branco

A obra de Camilo Castelo Branco apresenta um constante diálogo com Camões e com a continuada recepção do vate quinhentista nas letras portuguesas. Exemplo demonstrativo desse eixo estruturante é o conto “Biografia do maior e mais obscuro amigo de Camões”, sobre o qual este trabalho se debruça.

Assim, o presente artigo procura dilucidar o modo como o escritor de Seide revisita e aproveita o legado enunciado, não deixando de percorrer, em clave satírica, as linhas interpretativas em voga sobre a vida e obra de Camões, bem como o rumo das comemorações oitocentista consagradas ao poeta.

NOTA BIOGRÁFICA

José Manuel Ventura é professor do Ensino Básico e Secundário. Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é também autor da obra *João Soares de Brito, um crítico barroco de Camões*, resultado da sua tese de Mestrado, defendida na mesma universidade. Prestou provas de Doutoramento com a tese *Vasco Graça Moura e Camões: tradição e metamorfose*.

Membro do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, vem desenvolvendo diversas atividades de investigação no âmbito da didática, dos estudos camonianos e da estética da recepção na literatura portuguesa contemporânea. Esse trabalho tem vindo a lume em artigos e revistas da especialidade.